

# Apresentação

*Cíntia Fiorotti Lima  
Giovane Lozano  
Sandra Cristiana Kleinschmitt*

Este dossiê é resultado da seleção de alguns textos apresentados no II Colóquio Internacional Dinâmicas de Fronteiras, realizado na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE/Campus de Toledo), realizados nos dias 23 e 24 de abril de 2018. Todos os textos constantes nos anais do evento possuem sua relevância sobre o debate proposto no Colóquio. Contudo, tentamos selecionar de maneira diversificada diferentes objetos, problemas e espaços de pesquisas sobre fronteiras. Como resultado do esforço do II Colóquio em promover o debate a respeito das dinâmicas de fronteiras para além dos limites e legislações nacionais/internacionais, refletimos as dinâmicas de fronteiras como relações sociais vividas nestes lugares. As pesquisas trouxeram temas como: a formação dos sujeitos; as formas de trabalhos; as cidades fronteiriças; as culturas; os lazeres; as educações; as religiosidades; as ilegalidades e as violências.

Ainda, cabe mencionar o resultado deste diálogo como consequência das propostas e atividades desenvolvidas junto ao Laboratório de Pesquisa Fronteiras, Estado e Relações Sociais (LAFRONT). Estas motivaram a organização de um espaço para apresentações de pesquisas sobre as fronteiras e a criação de novas redes de pesquisas. Além disso, o curso de graduação em Ciências Sociais e os cursos de pós-graduação em “Ciências Sociais” e em “Sociedade, Cultura e Fronteiras”, ambos sediados na UNIOESTE, possuem os estudos fronteiriços como um dos seus aspectos fundamentais, tendo muitos de seus membros contribuído para a realização do mesmo.

Entre os textos apresentados, o artigo “Relações de poder e os sujeitos consumidores de agrotóxicos”, de Silvio Antônio Colognese e Eric Gustavo Cardin, traz um panorama geral sobre o projeto coletivo do LAFRONT, apresentando seus objetivos, como o de “*analisar o processo de racionalização no campo do consumo de agrotóxicos, referido à experiência fundamental da ‘contaminação’*”. Tendo por base a teoria de Foucault, a hipótese é de que o “*campo do consumo de agrotóxicos abriga relações de poder que conduziram a construção de um sujeito básico que é o sujeito consumidor de agrotóxicos*”. No entanto, “*o campo do consumo de agrotóxicos pelas práticas divisoras conduz à divisão deste sujeito básico e ao surgimento de lutas de resistência ao consumo de agrotóxicos*”. Assim, o foco de estudo do grupo está na “*experiência básica da contaminação*”, que ajuda a revelar as “*relações de poder*” que, por sua vez, se apresentam entre uma de suas facetas nas “*lutas de resistência*”.

O texto organizado pelos autores André Luiz Faisting e Sandra Cristiana Kleinschmitt, “*Trabalho de campo em regiões de fronteira: um relato a partir da experiência na “pesquisa sobre segurança pública nos municípios de fronteira” – Ministério da Justiça/ENAFRON*”, traz os resultados das experiências da pesquisa de campo na faixa de fronteira brasileira, neste caso, nas fronteiras envolvendo os Estados do Paraná, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul. Isto como parte de um projeto coletivo solicitado pelo “*Ministério da Justiça dentro do Programa ENAFRON (Estratégia Nacional de Segurança Pública nas Fronteiras), e coordenada pelo Núcleo de Estudos da Cidadania, Conflito e Violência Urbana (NECVU) e pelo Grupo RETIS, ambos da Universidade*

*Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)*”, envolvendo diversas instituições e laboratórios de pesquisas. O artigo traz importantes reflexões sobre especificidades das fronteiras estudadas ao comparar as dinâmicas regionais vividas ao longo destas pesquisas de campo; por isso, destaca *“o contraste de realidades e dinâmicas fronteiriças, a desconfiança inicial dos moradores com as equipes de pesquisadores, as situações inesperadas e não planejadas, entre outras”*.

Outro artigo discutindo sobre a fronteira Brasil-Paraguai, elaborado pela Kelly Cardoso da Silva e intitulado *“Mudanças estruturais das relações de fronteira em face da globalização”*, aborda a globalização e os impactos sobre a heterogeneidade cultural e suas peculiaridades aos espaços fronteiriços, isto, problematizando os impactos da expansão capitalista e do consumo sobre as culturas locais.

O texto apresentado por Cíntia Fiorotti Lima, intitulado *“Comerciantes, trabalhadores(as) e nacionalidade na fronteira entre Salto del Guairá-Canindeyú/PY, Guaíra-Pr/BR e Mundo Novo-BR entre 1960 e 2018”*, discute as relações sociais envolvendo as disputas entre capital e trabalho em Salto del Guairá/PY, onde há muitos trabalhadores oriundos das cidades brasileiras Guaíra-PR e Mundo Novo-MS, bem como de outras regiões do Paraguai e também de outros países. Ao discutir sobre as disputas de mercado em Salto del Guairá e os conflitos entre nacionalidades diferentes, foram trazidos alguns elementos para refletir como estes sujeitos lidam com estas experiências e com suas identidades.

Um estudo realizado por Aline Kammer e orientado por Maristela Ferrari, discute acerca das redes de interações transfronteiriças na fronteira brasileira-paraguiaia entre partir de Pato Bragado (Pr) e Colônia Marangatú (*Nueva Esperanza-Canindeyú- Py*). As autoras destacam as relações entre moradores da região com o uso dos serviços de saúde e educação e com o trabalho. Com o artigo intitulado *“Zona de fronteira e redes de interações transfronteiriças: uma análise a partir de Pato Bragado (Pr) e Colônia Marangatú (Nueva Esperanza-Canindeyú-Py)”*, elas analisam como as redes de relações familiares e de amizade entre as pessoas que vivem nesta região *são elementos importantes para trazer novos olhares sobre a fronteira para além dos limites estabelecidos pelo Estado*.

Na perspectiva de debater a integração cultural entre a população de regiões de fronteiras além da fronteira física e das legislações nacionais/internacionais estabelecidas, Daniela Silvestrin entrevistou moradores dos municípios de Capanema no sudoeste do Paraná e o Comandante Andresito na Província de Misiones, na Argentina. Em seu texto *“A integração entre argentinos e brasileiros no Sudoeste do Paraná - Capanema e Andresito”*, analisa, a partir de algumas fontes (entre elas, entrevistas e matérias de jornais), *“como as lideranças locais e nacionais pensam as políticas públicas voltadas para essas localidades e de que maneira atendem às necessidades e os anseios da população transfronteiriça”*.

Ainda sobre a discussão a respeito da integração nas regiões de fronteira, Vicente Giaccagliani Ferraro Jr. realizou uma pesquisa na fronteira Brasil-Bolívia, nas cidades gêmeas Corumbá-Ladário (Mato Grosso do Sul)/Puerto Quijarro-Puerto Suárez (Santa Cruz), Guajará-Mirim (Rondônia)/Guayaramerín (Beni) e Brasileia-Epitaciolândia (Acre)/Cobija (Pando). No artigo intitulado *“A integração nas cidades-gêmeas da fronteira Brasil-Bolívia: elementos de cooperação e conflito”*, enfatiza quais as características presentes nas propostas de cooperação entre as cidades fronteiriças e os principais conflitos envolvendo as interações econômicas e socioculturais.

Outra possibilidade de análise é apresentada por José Maria Trajano Vieira, ao refletir sobre as relações intraétnicas e interétnicas do povo Kokama, que atualmente se encontra dividido, em termos de nacionalidade, entre brasileiros, peruanos e colombianos. Em seu texto “A luta pelo reconhecimento étnico dos kokama na tríplice fronteira Brasil/Colômbia/Peru”, ele apresenta resultados de uma pesquisa de campo na área de antropologia, na qual analisa *“especialmente a situação vivida no Brasil por indígenas nascidos no Peru e seus descendentes e que hoje tentam resgatar um patrimônio cultural específico, associado aos kokama, para se diferenciarem de outros povos indígenas da região, das comunidades ribeirinhas não indígenas e mesmo de outros peruanos que não se reconhecem como indígenas.”*

No texto “‘Bairros de má fama’: experiências cotidianas de trabalhadores na cidade de Guaiá-PR”, de autoria de Joselene Ieda dos Santos Lopes de Carvalho, levanta-se a reflexão sobre como os moradores de bairros periféricos, como o Parque Hortência e a Vila Alta na cidade de Guaiá-PR, lidam com a estigmatização da violência e do crime, reforçadas pela imprensa local. O mesmo ocorre com a construção de uma imagem violenta e repleta de práticas ilegais ou criminosas sobre uma cidade localizada na fronteira com o Paraguai. Nesse sentido, a autora identifica *“por meio das análises das entrevistas, as experiências em torno da vida de cada um dos sujeitos entrevistados, do trabalho que exercem atualmente e que já exerceram no passado e como lidam com a violência cotidiana nos bairros, compreendendo que se trata de experiências coletivas”*.

Outro estudo que discute sobre o processo de apropriação do espaço por uma parcela da população trabalhadora na região de fronteira e as tentativas de estigmatização pejorativa sobre as práticas das mesmas, trata-se do texto “Práticas de apropriação e ordenamento espacial dos ilhéus da parte baixa do parque nacional de ilha grande”, elaborado por Marcelo Pereira Painelli. Ao estudar a apropriação ilhéu no território do Parque Nacional de Ilha Grande (PNIG), o autor analisa que *“por mais que Estado projete sobre as ilhas suas formas valorativas, impostas e planificadoras pela superestrutura que detém, na demarcação de um território geopolítico, surge, por outro lado, outra forma de apropriação do espaço, construída por um sujeito, muitas vezes, excluído, à margem do ordenamento social, que precisa de alguma forma reproduzir sua vida dentro do modo de produção capitalista”*.

Com as reflexões acerca do processo de estigmatização de determinados grupos e sujeitos, Luciano Marcos dos Santos contribui com o texto “Língua Jopará e a construção do *ethos* do jornal *Diário Popular*: a imagem de si e do outro”. A partir das análises de discursos presentes no *Jornal Diário Popular do Paraguai*, o autor problematiza como este meio de comunicação *“constrói a imagem de si e do outro em sua página policial, construindo dessa maneira seu *ethos* popular, por meio de escolhas lexicais, em língua guarani misturada à espanhola”*.

Já entre os artigos livres, estão dois textos apresentados no Colóquio que trouxeram importante contribuição para o debate, ao trazerem reflexões sobre as condições de trabalho na educação.

No texto “A primeira greve dos professores do Paraná”, o autor Odirlei Manarin faz uma investigação sobre a *“as condições de trabalho dos docentes da educação básica da rede pública do Paraná”*. Assim, analisa *“as principais reivindicações da categoria e suas conquistas na greve de 1963, a partir das fontes da APP-Sindicato e do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS)”*. Nele, Manarin conclui que esta é *“uma categoria de trabalhadores(as) que vivem um paradoxo de condições materiais, sentimentais e simbólicas”*.

Por fim, os autores Leila Tombini e Eduardo Nunes Jacondino realizaram a pesquisa sobre “Violência escolar: um panorama atual”. No artigo, fruto de uma pesquisa bibliográfica

amparada em autores como Michel Foucault e Pierre Bourdieu, buscam “estabelecer uma possível interpretação das diversas formas de violência que assolam a instituição escolar promovendo diversos prejuízos para o andamento educacional”. Assim, identificam que o fenômeno se desdobra em várias formas, pois “A violência escolar pode ser classificada em diversos aspectos como: violência contra a escola (atos de depredação física), violência que a escola recebe por parte governamental (falta de investimentos físicos e capacitação), e a violência simbólica (produzida pela escola, por aqueles que fazem parte dela e a constituem como instituição de ensino)”.